FINALMENTE

FOI RESTABELECIDA A FACULDADE DE LETRAS NA UNIVERSIDADE DO PORTO

Este ano e pela primeira vez na história da Universidade, a abertura solene das aulas teve, a presidi-la o Chefe do Estado, Senhor Contra-Almirante Américo Tomás.

O Senhor Presidente da Republica, que foi vibrantemente aclamado quando deu entrada no Salão Nobre da Universidade, dava a direita aos srs. Ministro da Educação Nacional e director-geral do Ensino Superior e de Belas-Artes; e a esquerda aos srs. Reitor e Vice-Reitor da nossa Universidade.

Directores e Professores das nossas Faculdades tomaram lugar nos cadeirais, enquanto que os lugares de honra foram ocupados pelas autoridades civis e militares do distrito, directores de todos os organismos culturais, artísticos, económicos, etc.; corpo consular, deputados e pessoas da mais elevada representação social, entre as quais muitas senhoras.

Ao fundo viam-se os componentes do nosso Orfeão que,

À SESSÃO SOLENE DE ABERTURA DAS AULAS PRESIDIU O CHEFE DO ESTADO

acompanhados pela Orquestra Sinfónica do Conservatório de Música do Porto, entoaram o Hino Nacional, ouvido de pé por toda a assistência.

(Continua nas págs. centrais)

ORFEÃO

ORGÃO DO ORFEÃO UNIVERSITÁRIO DO PORTO

ANO 3 ★ DEZEMBRO DE 1960 ★ N.º 13

Foi atribuida ao

ORFEÃO UNIVERSITÁRIO DO PORTO

a Comenda da Ordem da Benemerência

A nossa Universidade

BREVES COMENTÁRIOS por *José da Paz*

* Queixam-se algumas alunas da nossa Faculdade de Medicina e que, em virtude de exigências de horários se vêem obrigadas a almoçar na própria Faculdade, de que nos lares onde vivem não lhes são descontadas as respectivas refeições o que implica, mensalmente, um acréscimo de despesa que, a juntar aos 7$20 diários gastos no autocarro, fazem do curso de Medicina no Porto um curso próprio para milionários.

Tal facto, e ainda outros que nos são apontados frequentemente, deveriam merecer a atenção das nossas Autoridads Académicas, pois não percebemos como vivendo nós num lar em que, a troco duma mensalidade relativamente barata, nos é proporcionada boa e abundante alimentação, sendo descontadas, seja qual for o motivo, as refeições que não se tomem, se façam grandes descontos em férias, não se leve um centavo por pequenos extras como jornal, aquecimento, rádio, engomadoria ou até uma ou outra refeição oferecida a um convidado, etc., e as contas, no fim, saiam equilibradas, enquanto que, por outro lado, noutros lares seja necessário levar dinheiro por tudo e por nada como se ser estudante fosse sinónimo de ser capitalista.

A não ser que os nossos juizos estejam errados, parece-nos que um pouco mais de caridade cristã, por parte de quem superintende nesses lares, resolveria do melhor modo o assunto.

* Enquanto que quase todas as outras Faculdades vêem, a cada passo, e na ânsia de se acompanhar o progresso da ciência, os seus planos de estudo reformados, a Faculdade de Farmácia mantem-se, para mal dos seus pecados, como soe dizer-se, com o mesmo plano há já umas dezenas de anos o qual, por se manter «à antiga» faz com que, entre outras coisas, seja a Faculdade com maior número de horas de aula por semana e a de propinas mais caras.

A tão desejada reforma, ao que consta, não se tornará realidade tão cêdo dado que ficará bastante dispendiosa. No entanto somos de opinião que algo se poderia ir já fazendo como seja, por exemplo, a abolição da necessidade de média de 14 valores para a passagem do 3.º para o 4.º ano que, entre outros graves inconvenientes, impede muito terceiranista de chegar à Licenciatura, fomentando cada vez mais a tão abominável divisão entre os continuadores de Mestre Ananias e de Tomé Pires.

Não nos parece nada útil — haverá acaso alguém que veja nisso utilidade? — a existência de duas classes entre os farmacêuticos portugueses, pelo que seria medida de grande alcance — e de baixo custo — abolir tal barreira e unificar o curso, para o que bastaria, para já, passar a existir apenas a licenciatura, dando-se fim ao tão malfadado curso profissional. Oxalá a sugestão, se for aproveitável, não caia em cesto roto...

* Não queríamos ver terminados estes breves apontamentos sobre a vida da nossa Universidade sem tocarmos, se bem que ao de leve, na questão levantada quanto à obrigatoriedade de assistência às aulas teóricas de certo número de cadeiras na nossa Faculdade de Medicina.

Salvo melhor opinião quer-nos parecer que, por vezes, é de funestas consequências não atribuir ao estudante a importância ou o valor que ele de facto tem na Universidade, como organização corporativa. Daí o esquecer-se, por vezes, auscultar a necessária opinião do universitário quanto a problemas que lhe dizem respeito, o que leva a consequências como as agora observadas.

Resta-nos desejar uma solução honrosa para ambas as partes —ela há-de vir, concerteza — não deixando, no entanto, de lamentar que ainda haja um ou outro professor que não se lembre e um ou outro aluno que não saiba que a Universidade é, acima de tudo uma Escola de Homens e não um austero Colégio de *meninos-bem*.

Porto Editora, L.da

LIVRARIA — PAPELARIA

PRAÇA D. FILIPA DE LENCASTRE, 42 — PORTO

Quando necessitar de um bom Dicionário tenha sempre presente os

Dicionários «Editora»

DICIONÁRIO DE PORTUGUÊS — 3.ª edição — por J. Costa e A. Sampaio e Melo, com a colaboração de diversos professores especializados.
DICIONÁRIO DE FRANCÊS-PORTUGUÊS — por Olívio de Carvalho.
DICIONÁRIO DE PORTUGUÊS-FRANCÊS — por Olívio de Carvalho.
DICIONÁRIO DE ESPANHOL-PORTUGUÊS — 2.ª edição, por J. M. Almoyna.
DICIONÁRIO DE PORTUGUÊS-ESPANHOL — por J. M. Almoyna.

DEPOSITÁRIO EM LISBOA:
Empresa Literária Fluminense, L.da
RUA DA CONCEIÇÃO, 125 — 1.º — ESQ.

ARMAZÉNS MARQUES SOARES

90 — Rua das Carmelitas — 94

UMA CASA NOVA, COM UM SORTIDO NOVO

Fazendas de lã para casacos e vestidos, sedas, algodões, malhas, camisaria, edredons, gabardines, etc., etc., etc.

ENVIAM-SE AMOSTRAS PARA TODA A PARTE

CASA AMETISTA

Domingos Álvaro Lopes Basílio

Oficinas próprias — Oficinas de consertos
Armazéns: SÉDE — Rua da Fábrica, 32 TELEF., 24085

Praça dos Poveiros, 189 *Filiais* Rua Sto. Ildefonso, 103
Telefone, 26339 PORTO *Telefone, 26339*
É a casa que maior sortido tem em BIJUTERIAS finas
Brinquedos: Dos melhores aos mais baratos
PLÁSTICOS — ARTIGOS DE MENAGE

DIRECTOR E EDITOR
Alexandre Alberto Cordoso de Miranda

REDATORES:
José da Paz Rodrigues dos Santos
José Bárbara Branco

ADMINISTRADOR:
Manuel Vaz
João Carlos Franco

Composição e impressão:
Empresa de Publicidade do Norte
S. A. R. L.
Rua do Duque de Loulé, 73 — PORTO

O TEATRO UNIVERSITÁRIO DO PORTO NA ALEMANHA

— por Miguel de Macedo Teixeira

OS PORTUGUESES REPRESENTARAM UM TEATRO VIVO E AUTÊNTICO (DO DIÁRIO ERLANGER TAGBLATT)

A partida foi a 25 de Julho. Até Erlangen, as cidades de Salamanca, Burgos, Perigueux, Lyon e Basileia foram etapas de uma bonita caminhada com mais de 2.500 quilómetros.

Durante cinco dias de autocarro, a travessia ruidosamente festejada de uma fronteira, o momentâneo alvoroço causado pela presença de três bonitas espanholas que tinham pedido boleia até à cidade seguinte, a falta de gasolina no meio da estrada enquanto o jantar esperava, o trabalho para encontrar o hotel em cada cidade, tudo ajudava a passar alegremente o tempo.

Outras vezes, bruscamente, interrompendo a pacatez momentânea do autocarro, era uma voz que se levantava gritando: «Atenção! À direita! Uma Brigitte Bardott!» Tudo corria para a direita! E bastava um olhar mais atrevido, um sorriso mais quente para todos se sentirem rejuvenescidos. E era com novo ardor que se afinavam as gargantas e as guitarras, com renovada alma que se esticava o laço teimosamente caído, com maior astúcia que se pensava nas próximas conquistas—tinha a palavra o sangue herdado aos guerreiros descobridores da época áurea do Infante.

Quanto às colegas, era à paisagem, à paz tranquila de um pequeno lago, ao mistério verde de um bosque, àquele castelo longínquo onde talvez morasse um príncipe encantado, que elas iam buscar remédio para um momentâneo aborrecimento. Um leve suspiro, olhos fechados, estrelas reluzindo com o brilho incomparável da fantasia...

E foi assim que se chegou a Erlangen, naquela noite de 28 de Julho.

:-:-:-:

No dia seguinte ao da nossa chegada, o «Spottlight», órgão oficial do Festival, inseria a dada altura o seguinte comentário: «As capas negras dos portugueses renovaram completamente a decoração do Markgrafentheater. Sempre envolvidos nas suas roupas escuras e iguais, a sua presença encheu já de alegria as ruas de Erlangen».

Esboçava-se assim a grande vitória, a maior vitória dos portugueses — a sua alegre vivacidade e a sua camaradagem começavam já a conquistar aquela pequena cidade da Baviera, onde agora se encontravam reunidos universitários de 10 países diferentes.

O nosso trajo académico causou à chegada verdadeira sensação. No primeiro espectáculo, um murmúrio de espanto e admiração percorreu a sala, enquanto, arrogantemente escuras, todas aquelas capas se iam desdobrando no peitoril dos camarotes.

A curiosidade espicaçava. Adivinhavam-se histórias antigas, tradições e poesia. Tudo queria saber, e tal interesse incitava ao entusiasmo. Assim, nunca em Portugal a lua brilhou tão clara e meiga, nunca os jardins foram tão verdes e floridos, nunca o sol foi tão quente nem o céu tão azul...

Com o decorrer dos dias, cimentado com chôros de guitarras, o êxito dos portugueses acabou por se definir. A presença de uma capa numa festa passou a constituir a certeza de alegria, canções e música; uma capa voando da plateia para o palco, passou a ser o mais típico e desejado aplauso no fim de uma representação; uma capa disfarçada nas sombras da noite passou a ser o símbolo fascinante de uma possível serenata.

Erlangen era dos portugueses!

:-:-:-:

A desordem na camarata dos rapazes era digna de um poema. Roupa a secar, deixando cair ininterrupta e teimosamente aquela gotinha de água sobre o travesseiro de algum colega; latas de conserva acamaradando com latas de pomada para o calçado; camas de lona, duras e esqueléticas, embalando os sonhos duma viola abandonada ou dum estudante mais dorminhoco; tudo um desarranjo de rapazes alegres e descuidados.

Esta confusão como que fascinava os visitantes. Os suecos, sobretudo, com a sua simplicidade franca, procuravam integrar-se com paixão naquela vida para eles desconhecida. Pediam licença para entrar. O acolhimento não podia ser melhor. Pegavam numa viola e, tìmidamente, lá iam dedilhando qualquer música da sua querida Suécia. Um copo de verde! Os olhos riam. Iam-se assim estabelecendo os elos de camaradagem e amizade que viriam a ligar fortemente os representantes das Universidades do Porto e de Goteborg.

À despedida pediram-nos um garrafão vazio como recordação. Todos assinámos nos vimes brancos os nossos nomes. Guardado quase religiosamente, lá ficou guardado como embaixador da incomparável juventude deste distante Portugal.

:-:-:-:

A notícia foi anunciada em inglês, francês e alemão no intervalo dum dos espectáculos: Portugal ia jogar um desafio de futebol com os jugoslavos. E foi mesmo!

A golpes de energia e coragem, procurou-se não deslustrar o tradicional prestígio dos nossos feitos futebolísticos. Tal objectivo foi em parte alcançado, pois os estudantes de Zagrebe só venceram por 8-1.

À noite realizou-se uma festa de confraternização. Rapazes e raparigas. Uma velha grafonola, tão velha como aquele vinho do Porto. Guitarras e violas. Depois, aquela maldita «sigivovca», espécie de aguardente feita não sei de que fruto, quente como o inferno, mas macia e dôce como o paraíso. Dançou-se. E a «Casa Portuguesa» foi cantada de misturas com velhas e bárbaras canções da Jugoslávia.

:-:-:-:

Tal como os mareantes de Vasco da Gama, a quem a deliciosa Vénus fez desembarcar na Ilha dos Amôres, também nesta viagem os estudantes portugueses tiveram a protecção dum desses seres divinos — o pequenino e rechonchudo Cupido, menos lúbrido e mais recatado.

Além disso, o trinar de uma guitarra, uma serenata no silêncio escuro da noite, uma manobra subtil para ao jantar se conseguir um lugar ao lado da vítima indefesa, eram armas com que os lusitanos esgrimiam admiràvelmente. Depois, a dificuldade em falar determinados idiomas tornava tudo extraordinàriamente simples; uma frase decorada à pressa do dicionário não conseguia o efeito da linguagem muda dum olhar ou dum sorrisó.

Não admira pois que todos recordem com saudade aquele delicioso recanto, antigo abrigo de guerra, onde todas as noites se podia ir dançar ao som molengão dum trompete. As paredes nuas, de tejolos, o teto muito baixo, as mesas sem toalha. Fumo sem fim, ritmo sem fim, cerveja loira e áspera sem fim. Nada parecia ter fim naquele salão escuro e acolhedor que todos conheciam pelo nome simples de «Caveau».

Tanta loucura no húmido duns olhos profundos! Tantas promessas em que ninguém acreditava! Tanta saudade!

:-:-:-:

No campo artístico, o 10.º Festival de Teatro de Estudantes de Erlangen, ultrapassou as espectativas mais audaciosas. No cume de tamanho êxito, devem salientar-se sobretudo as representações dos estudantes de Bruxelas, Berlim e Zagreb.

Os belgas abriram o certame. Os actores brilharam a grande altura. A superior encenação era assinada por um jovem de 22 anos! Lutas entre camponeses e senhores feudais. Grandeza, vigor e seriedade. No final ficou como que a pairar sobre os espectadores um grito de liberdade imenso e impressionante.

A tragédia «Hinkeman», apresentada pelos estudantes da Universidade Livre de Berlim, foi por sua vez portentosa de emoção e personalidade. A guerra. O regresso do mutilado sexual. A inadaptação. A mu-

(Continua na 5.ª pág.)

Filipinas — prepara-se actualmente a fundação duma associação nacional de redactores de periódicos universitários. Os fundadores do grupo, que tomará o nome de PHILIPPINE ASSOCIATION OF COLLEGE EDITORS (PACE), anunciaram que a Oficina de Imprensa da União Nacional de Estudantes constituirá a base da nova organização. Um representante da PACE disse ser urgente a formação dum competente grupo de redactores da vida estudantil nacional e internacional. *(Far Eastern University Advocate, Manila).*

PARA LIVROS DE MEDICINA
DE QUALQUER ORIGEM...
LIVRARIA MOREIRA
PRAÇA DA LIBERDADE, 44
PORTO
Vendas com facilidade de pagamento
——— sem alteração de preço ———
—— LIVRARIA — PAPELARIA ——
TIPOGRAFIA — ENCADERNAÇÃO

MUNDO UNIVERSITÁRIO

Foi criado um novo periódico estudantil na Finlândia

HELSINQUIA — Foi criado um novo periódico estudantil com o título «JYVÄSKYLÄN YLIOPPILASLEHTI». Com ele os estudantes do Instituto de Pedagogia realizam pela segunda vez, a tentativa de editar uma revista. A primeira tentativa fracassou, há alguns anos atrás. O novo periódico sai mensalmente. *(Syl News Letter, Helsinki).*

Há presentemente em França 243.000 estudantes Universitários

PARIS — Segundo dados fornecidos pelo Ministério da Educação de França, no corrente ano lectivo encontram-se matriculados nas universidades francesas cerca de 243.000 estudantes, isto é, cerca de 12% mais do que no ano passado.

Como quase um terço de todos os estudantes estudam em Paris, é aqui onde a escassez de habitação é maior.

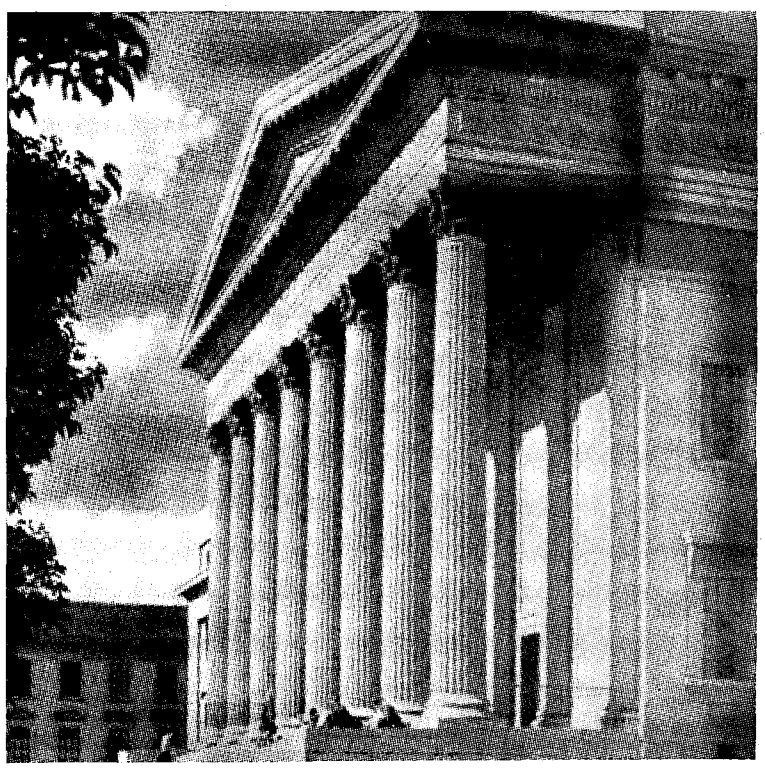
Para enfrentar a afluência de estudantes, principalmente nas faculdades de Ciências Naturais, projecta-se e, em parte, já estão em construção, numerosos edifícios universitários.

Assim, por exemplo, a Faculdade de Ciências de Paris receberá um grande edifício que será utilizado exclusivamente para a investigação biológica. Para as aulas foi construido um novo edifício com três anfiteatros de 300 lugares cada, dispostos de tal maneira que os estudantes podem ver bem de qualquer sítio.

Também nas Faculdades de Ciências de Lile, Marselha, Nantes e Reims está projectada a ampliação dos seus edifícios. *(Studentspiegel, Berlim).*

AOS GASTRÓNOMOS DA NOSSA TERRA:
IMPORTANTE COMUNICADO
O já célebre «SUPER-FRANGO À MÃO» tem o prazer de comunicar que o
RESTAURANTE TÍPICO
--- BONA-CHIRA ---
(do Centro Transmontano)
tem agora à vossa disposição, além de:
Almoços e Jantares a 25$00 — Serviço à Lista — Especialidades Transmontanas — E, muitos dos seus imãos para serem comidos à mão
um completíssimo
SERVIÇO DE SNACK-BAR
«Sobre os telhados do Porto»
Palácio Atlântico — 8.º andar
PORTO ——— Telefone 32302

Universidades do Mundo



Universidade de Witwatersrand 3

Falando do ensino superior na África do Sul, temos necessariamente de citar como um modelar estabelecimento a Universidade de Witwatersrand, orgulho dos nossos vizinhos sul-africanos.

Formada por oito Faculdades confere bacharelatos em artes, música, ciências, medicina, fisioterapia, engenharia, direito, arquitectura, assim como diplomas em todos estes ramos, facultando ainda especializações em medicina.

Os lares universitários tem acomodações para 300 rapazes e 160 raparigas.

A biblioteca dispõe de 270.000 volumes e recebe cerca de 4.000 periódicos mensalmente.

A Universidade, além dos «Anais» e outras publicações sobre as diversas Faculdades, edita dois jornais —«Estudos Africanos» e «O Jornal Sul-Africano de Ciências Médicas».

Vai ser criado em Roma uma Universidade Católica para jóvens africanos

ROMA — Em Roma será criada dentro de pouco tempo uma Universidade Católica para jóvens africanos.

Constituirá uma espécie de resposta à Universidade da Amizade dos Povos inaugurada recentemente em Moscovo. *(Pax Romana — Friburgo).*

Numerosos feridos e grande quantidade de detidos foi o saldo duma manifestação organizada pelos Estudantes Universitários do Uruguai

MONTEVIDEU — Numerosos feridos e grande quantidade de detidos foi o saldo da manifestação organizada pelos estudantes universitários uruguaios com o fim de obterem um presuposto acordo quanto às necessidades da sua Universidade. A manifestação foi abafada pela polícia após ter lutado com os estudantes.

UNS ESQUECIDOS...

Os contínuos e insistentes ataques feitos na Assembleia Geral da ONU à soberania portuguesa nas diferentes parcelas da pátria espalhadas pelo Mundo, ataques esses, caso curioso, originados por aqueles que tem amordaça das nações inteiras de velha civilização, e pelos que ainda não deram provas de qualquer maturidade cívica, social e política, originaram em todo o nosso Portugal, do Minho a Timor, uma onda de indignação e revolta.

Esquecem aqueles que nos atacam que muitos factores contribuíram para que houvesse entre os vinte e tal milhões de portugueses de todas as raças espalhados pelo mundo uma paz e uma harmonia que parecem fazer raiva aqueles que, a título de «fomentarem a paz» fomentam, isso sim, a desordem.

Esquecem que entre nós o preto foi sempre considerado como homem. Já em 1486 havia nas escolas da Europa portuguesa estudantes negros. Por volta do Séc. XVI já havia um bispo português de côr, filho do célebre D. Afonso do Congo. Por essa mesma altura já tínhamos nas nossas escolas professores negros, tão portugueses como os navegadores de Vasco da Gama ou de Cabral.

Esquecem heróis portugueses que apesar de não terem a pele branca morreram defendendo a sua pátria. Esquecem aquele negro lusitano que em 1960, morrreu em Mombaça defendendo a bandeira portuguesa. Esquecem os nobres exemplos dados pelos heróis e mártires D. Aleixo Corte Real, régulo de Timor, Aniceto do Rosário na India, e tantos outros.

Esquecem que a Metrópole não suga o Ultramar. Pelo contrário em Portugal pratica-se uma política de coordenação inter-territorial, com divisão do trabalho e proteccionismo interno. A Metrópole tem, por vezes, pago o açúcar ou o sisal mais caro do que se os comprasse ao estrangeiro, apenas para fomentar essas culturas ultramarinas. A forte protecção ao algodão permitiu o incremento extraordinário da cultura em Angola e em Moçambique.

Esquecem que a acção dos portugueses em África foi, antes de mais, uma acção libertadora. Assim, foi modificada a estrutura social dos povos selvagens, dando-se fim ao despotismo dos régulos, à escravatura, aos sacrifícios humanos e a sombrio domínio dos feiticeiros. Estudaram os portugueses a completa nosologia africana e desenvolveram um extenso e crescente combate aos sofrimento dos negros, em todas as suas formas. Procurou-se dignificar a mulher, protege-se a maternidade, defende-se a infância da mortalidade excessiva. Desde o século XVI que os portugueses introduziam plantas alimentares até aí desconhecidas em África, especialmente as trazidas do Brasil, como a mandioca, a batata doce e o amendoim. Populações que se alimentavam grosseiramente de raízes, frutos silvestres, gafanhotos e ratos, passaram a ter rações mais substanciais e cada vez mais equilibradas. Cessaram as lutas frequentes entre tribos, as rivalidades, as chacinas, os roubos. Romperam-se estradas, as comunicações devassaram o sertão incógnito, as feras recuaram os seus fojos, a vida tornou-se mais agradável e mais segura. As povoações foram saneadas, fez-se guerra ao mosquito e à tsé-tsé.

Esquecem tudo isto os Senhores da ONU na sua ânsia de darem a parte do nosso Portugal a «paz» e a tranquilidade» que imperam no infeliz Congo ex-Belga. Ainda há pouco um negro da nossa província de Moçambique, Filipe Mudumane, vogal do Conselho Legislativo, dizia:

«Eu sei que esta magnífica comunhão entre portugueses brancos e portugueses pretos é olhada com pasmo e incredulidade por estranhos. Não há muito tempo, um estrangeiro que foi a minha casa preguntou-me qual a razão porque os negros de Moçambique ao contrário do que sucedia em outras terras de África, não reclamavam direitos e não faziam exigências.

Eu mesmo, que sei um pouco do que vai pelo Mundo, quer pelo que leio nos jornais quer pela gente da minha terra que emigra e regressa, já pensara muitas vezes no assunto e, por isso a resposta foi-me fácil:

— Nós temos as terras de que necessitamos para apascentar os nossos gados e fazer as nossas culturas. Por toda a parte há ordem e sossego. Não há crimes de morte nem roubos, nem assaltos. como em tantos países que se julgam civilizados.

Os brancos são bons e amigos. Alguns não serão tão bons como isso. Também há pretos que o não são. Mas então temos o Governo, que, esse é sempre nosso amigo, que está sempre pronto a fazer justiça, a ouvir as nossas queixas, mesmo que sejam contra as autoridades, se estas não forem justas.

Ora se o Governo é nosso amigo, se nos faz justiça, se nos defende, se nos auxilia quando precisamos, se nos dá escolas, médicos e olha pela nossa segurança, que é que podemos reclamar, que é que podemos exigir?

Foi assim que falei ao tal estrangeiro, finalizava Filipe Madumane. Mas, esse foi um, apenas. Gostaria de falar a muitos mais, a todos se fosse possivel».

Que pena que os senhores «esquecidos» da ONU, — por certo uns cábulas em História nos seus tempos de liceu—não façam uma visita a esse verdadeiro português, o negro Filipe Mudumane. Estamos certos que aprenderiam mais com ele do que nessas *aulas de desordem*, que têm sido as sessões da Assembeia Geral da ONU.

José da Paz

CAFÉ UNIVERSIDADE

SERVIÇO DE CAFÉ: — *Pequenos almoços, lanches, Batidos Nutritivos, dentro dos modernos moldes de* «Alimentação Racional»

SERVIÇO DE B.A.R.: — *Em cave própria* («Casa das Máquinas»), *recentemente remodelada.*
Serviço de almoços e jantares, especializada em:
FRANGOS E COELHOS ASSADOS

Garrafeira própria

Praça Parada Leitão, 37 — Porto *Telef. 25474*

Livraria AVIZ Papelaria

— DE —

MANUEL CAMACHO

MATERIAL ESCOLAR
ARTIGOS DE ESCRITÓRIO
TRABALHOS TIPOGRÁFICOS
E DE ENCADERNAÇÃO

Rua de Aviz, 10 — *Rua da Fábrica, 68*
Telef. 26212 e 33056 — *Telegramas: «AVIZ»*

PORTO

A SESSÃO SOLENE DE

Aberta a sessão usou da palavra em primeiro lugar o Reitor da Universidade, Prof. Amândio Tavares que se regozijou pela presença do Chefe do Estado, que agradeceu, pois era a primeira vez que o Supremo Magistrado da Nação presidia a tal acto, no Porto.

Dirigindo-se ao Ministro da Educação Nacional, afirmou-lhe a sua gratidão e, também, a de todos aqueles que não concebem uma Universidade privada dos estudos humanísticos, pois só assim pode assegurar a educação e a formação completa do homem e não ministrar-lhe apenas o saber profissional. E acrescentou que a técnica especializada — agora que, por esse Mundo, tanto se insiste na integração dos estudos na corrente da evolução social— exige, justamente, que se complete a missão que a Universidade tem a cumprir — que é a de promover o humanismo científico-social, de inestimável alcance para fazer prevalecer a felicidade e a grandeza da Humanidade.

Essa mesma sensibilidade—afirmou o Sr. Reitor—também não consente à Universidade calar o seu veemente protesto contra a injusta e intolerável atitude assumida por certos membros da Assembleia Geral das Nações Unidas, ao tentarem abalar, nos seus ataques ao espírito europeu, a nossa unidade nacional, embora esses esforços se anulem perante o magnífico exemplo de elevada compreensão e da inquebrantável lealdade do Ultramar Português.

E o Prof. Amândio Tavares acrescentou:

— Queremos deixar bem vincado o nosso incondicional apoio ao Governo na defesa da soberania nacional, nesta hora de inquietação para nós, como para quantos alimentaram a chama da vida espiritual, que constitui a essência da nossa civilização!

Os estudantes de Ultramar na Universidade

Prosseguindo, disse o Sr. Reitor que, em 1959-60, se matricularam na Universidade portuense 189 alunos nascidos nas províncias ultramarinas, dos quais 149 rapazes e 40 meninas, sendo 19 de Cabo Verde; 4 da Guiné; 96 de Angola; 4 de S. Tomé; 52 de Macau e 2 de Timor. Pertenciam a raças não europeias 42; 12 negros, 23 mestiços e 6 indianos. Declararam ter amparo familiar na cidade, 64; estiveram instalados nos «Lares Universitário», 34, vivendo os restantes 91 em pensões. Esclareceu ainda que a lotação global dos «Lares» eleva-se, este ano, a 355 (152 rapazes e 203 raparigas), o que é ainda manifestamente insuficiente para as necessidades o que, como disse, o Sr. Reitor mais de uma vez tem acentuado.

Continuando, o Senhor Reitor disse:

—Por coincidência feliz, conjugam-se circunstâncias várias para imprimirem à solenidade de hoje relevo invulgar: além da honrosa e desvenecedora presença do venerando Chefe do Estado, abertura de dois novos Lares Universitários, do galardão conferido por S. Ex.ª a um dos nossos mais antigos organismos académicos, ela marca o início do ano lectivo em que se completará o Cinquentenário da criação da nossa Universidade e é consagrado ao Infante D. Henrique, neste ano em que Portugal celebrou os feitos e procurou honrar condignamente a memória de dois maiores vultos da sua História, comemorando o VI Centenário do nascimento do Santo Condestável D. Nuno Alvares Pereira, figura gloriosa da Igreja e da Pátria, e o V Centenário da morte do Infante D. Henrique, o genial propulsor da nossa epopeia marítima — ambos homens de energia e de acção, ambos jovens quando já lhes sorria o triunfo e a glória: Nun'Alvares, um moço de 25 anos, com um estado-maior também de jovens, fixa em Aljubarrota os destinos do Reino; o Infante, com 20 anos apenas, dá início à tarefa gigantesca e admirável que o há-de tornar um dos grandes da História Universal, nunca esquecendo, em sua inflexibilidade de ânimo, o ideal de quem sacrifica os interesses próprios à realização de uma obra que interessava à sua grei e à humanidade.

Seguidamente, passou ao relatório das actividades universitárias mais evidentes no ano findo: as comemorações do centenário do nascimento do Doutor Ricardo Jorge; a homenagem da Universidade e da Faculdade de Medicina à Santa Casa da Misericórdia; a participação do Teatro Universitário no X Festival Internacional de Erlanger; o valioso auxílio da Fundação Calouste Gulbenkian ao Centro de Estudos Humanísticos e órganismos circum-escolares; o começo dos estudos para as instalações definitivas da Faculdade de Economia na Cidade Universitária.

Citando os relatórios dos Directores das cinco Faculdades o sr. Reitor falou das necessidades mais instantes de cada uma delas.

Concluiu, recordando aqueles que a morte ceifou e prestaram grandes serviços à Universidade: — Prof. Mendes Correia, Prof. Abílio Aires, Prof. Gregório Marañon, dr. Artur de Magalhães Basto e cónego dr. Manuel Valente, e saudando os que vieram enriqueer os quadros académicos.

Ouvido o «Hino do Infante» de Alfredo Keil entoado pelo Orfeão Universitário, o Chefe do Estado procedeu à entrega dos prémios aos melhores alunos do ano lectivo findo.

A Comenda da Ordem da Benemerência atribuida ao Orfeão

Em seguida e com toda a assistência de pé, a bandeira do nosso Orfeão foi levada até junto da mesa da presidência onde, entre vibrantes salvas de palmas, o Senhor Presidente da República procedeu à colocação da comenda da Ordem de Benemerência, cerimónia que foi coroada pela audição de «A Voz do Infante» de Carlos Dubini, interpretada pelo Orfeão e pela Orquestra Sinfónica do Porto.

O oração de sapiência

O oração de sapiência foi pronunciada pelo sr. Prof. Dr. Luís de Pina que subordinou o seu notável trabalho ao tema: «Expressão universitária Metodologia científica e sentido ético da epopeia henriquina dos Descobrimentos».

O eminente catedrático desenvolveu a asserção de que a História da Cultura e da Educação Nacional deve a alguns Monarcas e Príncipes medievais portugueses algumas das suas mais belas páginas, exemplificando como das providencias culturais de D. Sancho I às de D. Dinis, de D. João I, de D. Duarte e de D. Afonso V (bolsas de estudo, fundação da Universidade, criação de bibliotecas e de escolas profissionais, como de Cirurgia; elaboração de textos filosóficos e éticos, etc.) resultaram notáveis progressos e benefícios públicos, no campo da educação e da instrução públicas, do mesmo modo que dos príncipes e princesas de Portugal, de Santa Mafalda e dos poetas trovadores até os Infantes D. Pedro e D. Henrique, não escasseiam obras literárias, filosóficas ou sociais que comprovem tal assunto.

Referiu-se o orador a semelhantes contribuições das ordens religiosas à expansão docente e escolar de portugueses em Estudos Gerais estrangeiros e a outros factos relacionados com estas circunstâncias, acentuando quanto a família de Avis, nesse particular, merece especiais e justas referências. As obras literárias e científicas de D. João I e de seus filhos D. Duarte D. Pedro e D. Henrique pelas suas características e influência, abrem em Portugal, a Representação cultural do século XV.

O Infante portuense D. Henrique, pelo seu temperamento e pelo seu carácter, por seus métodos de trabalho, sua preparação científica, sua fé ilustrada, seus sacrifícios, sua probidade e seu talento de chefe, estabelece as regras do experimentalismo científico entre nós, dentro do sistema do franciscano Rogério Bacon, que o Prof. Luís de Pina expõe, cotejando-o com a metodologia de Francisco Bacon, de Descartes e de Claude Bernard.

Expôs, em seguida, o orador a evolução da Universidade portuguesa, fundada por D. Dinis, vincando as providências protectoras de Reis e Príncipes portugueses, de D. Fernando e de D. João I até D. Henrique, o Navegador, que nela criou cadeiras de Teologia e Filosofia Natural, a par com ensino de Matemáticas e Astronomia.

E apontou alguns vultos universitários que muito interessam à cultura do tempo.

ABERTURA DAS AULAS

(*Continuação da primeira página*)

O sr. Presidente da República encerrou a sessão, anunciando, entre vibrantes aplausos, que o restabelecimento da Faculdade de Letras do Porto ia ser uma realidade

Encerrou a Sessão Solene o sr. Presidente da República, que escutado com o mais profundo respeito, começou por afirmar:

— *Antes de pedir ao sr. Reitor da Universidade para, em meu nome, encerrar a sessão, quero cumprimentá-lo pelo brilho da cerimónia e muito gostosamente bendigo a ideia de presidir a esta sessão.*

Vim expressamente ao Porto para presidir a ela. Durante a sessão tive o prazer de condecorar o estandarte do Orfeão Universitário, pela benemerência largamente e de há muito difundida. Bem mereceu o galardão e só tenho de me felicitar pela circunstância de o ter concedido.

Por fim, quero anunciar uma notícia que será grata do coração de todos os portuenses e, permitam que acrescente, será grata ao coração do ilustre Reitor que tem sido o paladino do restabelecimento, no Porto e na sua Universidade, da Faculdade de Letras.

E afirmou, num ambiente da maior expectativa e interesse:

— *Posso anunciar a V. Ex.as que esse restabelecimento vai ser uma realidade e quero felicitar o Reitor e a Cidade por tão justamente terem visto realizados esses desejos.*

Parabéns ao Porto e à Sua Universidade. Muitos parabéns ao Reitor.

Uma grande ovação envolveu as últimas palavras do sr. almirante Américo Tomás, a quem, no final, e entre manifestações de regozijo, o Reitor, os Directores das Faculdades, as autoridades civis e militares do distrito e os deputados manifestaram, em nome da cidade, a sua grande gratidão e reconhecimento pela satisfação dada, finalmente, a uma das grandes aspirações da nossa Universidade e da população universitária do Norte, tantas vezes defendida na Assembleia Nacional pelo deputado dr. Urgel Horta.

A mocidade académica concentrada em frente da Universidade do Porto, efectuou uma manifestação de protesto contra as nações que atacaram a nossa soberania na assembleia geral das Nações Unidas

A mocidade académica do Porto, aproveitando a oportunidade de o sr. Presidente da República se ter deslocado a esta cidade, e no desejo de manifestar toda a sua solidariedade ao Governo, concentrou-se em frente do edifício da Universidade, em elevado número, organizando uma manifestação de protesto contra as nações que, na Assembleia das Nações Unidas, atacaram a soberania nacional.

A patriótica iniciativa, prejudicada, em parte, pela chuva que caiu impiedosamente, teve a rodeá-la um ambiente de grande entusiasmo e vibração.

De uma das varandas do edifício universitário, o estudante António Castro, natural de Moçambique, e aluno da Faculdade de Ciências, proferiu, para os manifestantes, a seguinte alocução:

Unindo-me ao sentimento da Nação Portuguesa que V. Ex.a sr. contra-almirante Américo Tomás, simboliza, quero exprimir, em nome dos estudantes em geral a imensa indignação que nos vai na alma lusa pelas insidiosas atitudes tomadas por certos membros da Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas.

Portugal é uno e não podemos admitir que se ponha em dúvida a consistência dos laços da uidade nacional com séculos de existência e épicos feitos históricos e dar a esses laços uma coesão indestrutível. As glórias portuguesas não serão manchadas por frases daqueles que pretendem ùnicamente a propaganda dos seus interesses, porque o nosso orgulho está acima de toda a crítica. O orgulho de portugueses, quer da Europa, da Africa, da Asia ou da Oceânia é uniforme quanto aos ideais de progresso, união e convivência sociais.

Portugal foi sempre o menos racista de todos quantos se dedicaram à ingrata missão de propagar a civilização ocidental. A nossa experiência tem uma confirmação no Brasil.

Portugal tem espalhado por todos os cantos do mundo braços trabalhadores e espíritos realizadores É todo o trabalho e realização de um povo através dos séculos que querem contestar. Querem interferir entre um filho e um pai. Não o consentiremos.

E concluiu, erguendo vivas à Nação Portuguesa, à Unidade Nacional, à Soberania Portuguesa e ao sr. Presidente da República, que foram vibrantemente correspondidos por toda a mocidade.

Alegra a alma e aquieta os nossos receios o fervor patriótico da mocidade de Portugal

— afirmou o sr. Presidente da República

Inesperadamente, apoveitando um breve momento em que as manifestações tinham decrescido de intensidade, o sr. Presidente da República aproximou-se dos microfones e começou a proferir um vibrante discurso patriótico, da varanda da Universidade, afirmando:

— *Alegra a alma e aquieta os nossos receios o fervor patriótico da mocidade de Portugal. Os seus protestos são contra as arremetidas de que Portugal tem sido alvo, nos últimos meses. É consolador!*

Querem-nos forçar àquilo que não devemos fazer. Nós levamos a Civilização Ocidental a toda a parte do Mundo. Nunca levámos a ruína e a desolação aonde se diz que se quer levar a liberdade. Não queremos essa liberdade. Queremos a liberdade que é nossa e que tem provado existir em Portugal, em muitos séculos da sua História.

Portugal é um exemplo e não precisa que ninguém lhe aponte o caminho. Portugal, aonde foi, acendeu as luzes de uma Civilização. Não levou a morte, não aniquilou a liberdade.

Temos o dever de prosseguir no mesmo caminho e deixar falar quem tem intuitos bem diferentes dos nossos; temos na nossa História muitos exemplos. Devemos continuar como temos vivido até aqui.

Aqueles que já sentem longe a juventude têm o prazer de verificar que a mocidade de hoje e os homens de amanhã não seguirão outro caminho e mostrarão que os portugueses são os mesmos de sempre: aqueles que fazem o bem por o fazer e não como um cartaz.

Interrompido por vezes, pelos aplausos, o sr. contra-almirante Américo Tomás prosseguiu:

— *Os nossos caminhos foram sempre rectos. Não podemos aceitar, nesta altura da vida, que nos indiquem caminhos tortuosos. É, afinal, persistir no que temos feito. E se persistirmos, continuaremos.*

As vozes que agora soam, são vozes que se apagarão depressa, porque temos a certeza de que essas vozes, donde vêm, nunca poderão chegar ao céu.

Nós tememos a Deus e ainda bem que assim é, porque aqui não se cometem atrocidades que em muitos lugares são o infeliz fruto de todos os dias.

Dizem que aqui não há liberdade, mas eu prefiro esta liberdade à morte que essa gente semeia por toda a parte.

Terminados os aplausos com que os manifestantes sublinharam as últimas partes do discurso, o Chefe do Estado, prosseguiu:

— *A mocidade quer continuar a nossa obra. Estamos convictos de que a continuará e, sendo assim, tenho a certeza, a certeza antecipada de que Portugal será no futuro, o que tem sido sempre no passado e no presente.*

E o sr. Presidente da República terminou a sua vibrante e patriótica alocução, erguendo um viva à Juventude Portuguesa e outro a Portugal que todos, em uníssono, coresponderam com o mais profundo fervor patriótico.

Depois, enquanto o sr. contra-almirante Américo Tomás, entre aclamações, entrava no seu automóvel e se dirigia para a Estação das Devesas, a fim de embarcar no comboio especial que o trouxera de Lisboa a mocidade académica percorreu as principais artérias da cidade, empunhando dísticos patrióticos e erguendo vivas a Portugal.

UM CONTO

por
José Alfredo Sardinha

Inútil insistir, ele continuará a escapar-se-me. Algo que tem o seu início no próprio ar que o cerca e no momento que antecede a sua aparição, ele conseguirá sempre encontrar uma fuga ao meu desejo de o fixar nos traços de um retrato, ou mesmo na quase que ilimitada amplitude de um símbolo que o defina.

As botas de cano? botas pesadas imprimindo sobre e a poeira do caminho passos seguros? . . . A camisola preta de gola subida? adensamento do tronco num afirmação de presença, negação de casacos e de quanto é vida metropolitana passiva, a eles ligada? . . . Mesmo a ideia de uns ombros largos e de uma fronte ampla e livre, nunca me saberá trazer para a concretização de uma imagem que o individualize, mais do que uma força abstracta a opor ao silêncio vigoroso dos carvalhos e ao estalida seco das copas dos sobreiros.

Disperso, indefinível, e indivisivel, paira.

Paira por sobre os meus pensamentos como a águia, que confiante no poder das suas asas e na altura do ninho se deixa arrastar pelos ventos da montanha juntamente com as nuvens; paira, esquivando-se por entre as minhas recordações como o polvo que, para além força e da harmonia musculosa dos tentáculos conta com uma nuvem de atordoamento sempre pronta escondê-lo . . . paira desde a primeira hora, desde a primeira hora possuindo-me, nunca permitindo que eu avance nele mais do que em momentâneo equilíbrio possuidor-possuído, logo desfeito.

Veio pelo caminho que conduz à aldeia e seguindo sempre pela mata adentro, sem que tivesse reparado na nossa casa, voltou um longo bocado depois, desta vez então para estudar cuidadosamente o local, indiferente à nossa curiosidade de miúdos que, perante um desconhecido, não desviavamos dele a atenção.

— O teu pai está?

Vira-o avançar, sentira o instinto de defesa dos dedos da minha irmã buscar refúgio crispando-se sobre o meu braço, mas petrificado, vítima do latejar vertiginoso do sangue nas minhas veias, não fora sequer capaz de esboçar uma tentativa de fuga. Tolhidos na interrogação, creio bem que haveria grandes probalidades de ainda hoje ali o irem encontrar à espera de resposta, se não fora a intervenção de galinha vigilante pela ninhada com que minha mãe acudiu, vindo em seu e nosso socorro.

— Queria alguma caisa?

— Desejava falar com o marido da senhora.

— O meu homem foi lá abaixo, mas deve estar de volta para o almoço. Se quiser, é esperar um bocadinho.

Ele esperou. O pé sobre o cepo onde meu pai, a golpes de machado desfazia em cavacos os troncos resinosos das árvores abatidas, a perna em ângulo recto, novamente embarcado no seu alheamento observador, o sol iluminando-o em cheio, dir-se-ia participar da liberdade selvagem e meditativa do arvoredo.

E no entanto, muito embora o meu mundo fosse o daquela liberdade, assustava-me, tal como me assustaria um dos meus esconderijos na mata, se um dia aí fosse encontrar convertida em realidade a parcela de imaginação de que lhes confiava a guarda.

Quando o pai regressou, ele dirigiu-se ao seu encontro e apertou-lhe vigorosa e firmemente a mão.

— Boa tarde. Venho viver para aqui e queria falar consigo.

A mão de meu pai era calosa, ruda e forte . . .

— Lenhador.?

—Não, venho viver aqui.

. . . e também ele era um «homem árvore», seiva dos carvalhos que o seu machado abatia.

Em silêncio olhavam-se medindo as forças que ambos aureolavam . . . e sentia-se que o silêncio era o choque entre essas forças. Se em vez de terem estado assim todo aquele tempo,

O Estranho

Prémio Julio Diniz dos Jogos Florais de 1960

ambas houvessem decidido assentar o cotovelo sobre o cepo tentando levar o braço um do outro tocar a terra, a expectativa e o silêncio seriam ainda os mesmos

Foi meu pai quem os quebrou. Sabia competir-lhe fazê-lo, e fê-lo quando julgou que devia,

— O tufo das austrálias, depois de desbastadas, é um bom lugar! . . .

— Foi esse que já escolhi.

O tufo das austrálias?! A frase desceu apavoradora e fria em todos os músculos do meu corpo, repetindo-se num eco de tensão inactiva em todos os meus nervos.

— Quando vai começar?

— Tem um machado que me empreste?

— Tenho.

— Agora mesmo!

Meu pai foi buscar o machado e ambos tomaram a vereda.

« — O tufo das austrálias, depois de desbastado . . .»

Tudo quanto possuía de mais íntimo, momentos de maior solidão, injustiças de que me sentia vítima, recordações, tesouros imaginários, estavam ali escondidos e iam ser violados. Amigos iam tombar . . . bocados de mim próprio.

(Continua na pág. 10)

LIVRARIA CIENTÍFICO-MÉDICA DO PORTO, L.DA

FILIAL DA: **LIVRARIA LUSO-ESPANHOLA, L.DA** (DE LISBOA)

LIVROS TÉCNICOS: Medicina, Farmácia, Engenharia, Arte. — Economia, Direito, etc. —

14, Rua do Carmo, 14-A
TELEFONE, 24076 — PORTO

— Artigos de Papelaria. — Encarrega-se de trabalhos de Tipografia e Encadernação

Aos caloiros orfeonistas

Vão volvidos alguns anos, quando como vós agora caloiro — iniciamos os primeiros passos da vida verdadeiramente universitária.

Realmente de que nos valerão as artes, as ciências ou as letras se nos limitarmos a viver cada um desses ramos num absoluto isolacionismo?

O universitário precisa de ter para além da sua preparação cientifica, algo mais que se não aprende em livros revistas ou apontamentos mas sim num contacto direito com a Vida e com os homens; escol de virtudes e modelador dos espíritos foi o Orfeão esse algo que encontramos para complemento da nossa preparação científica.

Mas afinal pergunta o caloiro, é só isto o Orfeão?

Não! O Orfeão é mais.

É uma obra cuja magnitude a pobreza das nossas palavras não consegue traduzir; é obra que iniciada há muitos anos graças à inteligência e sacrifícios duns e ao amor de todos, se mantém bem alto espalhando por toda a parte os frutos duma sã e viva camaradagem.

O Orfeão é mais, como com o decorrer dos anos o haveis de confirmar sobretudo quando chegar o momento da vossa partida.

E vós, caloiro, que sois?

Bem o sabeis e não o repetimos porque receamos que os odjectivos se ofendam . . . mas pelos menos o vosso «querer» ingressar num ambiente que muito vos irá ajudar na vossa formação universitária, algo representa para os velhos,

Mas ser caloiro do Orfeão significa ainda mais, significa, ser digno de poder continuar esta obra e é honra de que vos podereis orgulhar.

Sois sangue novo, inteligência, valor e tudo quanto uma juventude radiante poderá oferecer pare bem dum tão elevado ideal.

Hoje caloiros, amanhã dirigentes, tende sempre presente o bom nome do nosso Orfeão que vos acolheu com carinho para que com o vosso valor se perpetuasse uma obra e com a vossa juventude fosse minorada a saudade dos que a lei da vida obrigou a deixar-nos,

Lembrai-vos que a vida dos homens tem a avaliá-la para além da curta passagem pela terra, tudo quanto de útil realizar para a posteridade.

Se os Estatutos vos indicam e orientam no novo procedimento, jamais renuncieis à prudência que é a voz da consciência e tende presente que a vítima dos vossos êrros será sempre o Orfeão.

Dos velhos colhei o seu exemplo, que a luz da sua experiência ilumine bem os vossos «cerebros de caloiro» em penumbra; que o seu respeito exigido pelas praxes orfeónicas e mais pela qualidade de «velhos» não seja palavra vã e estai certos que o aparente desprezo que lhes mereceis é o melhor estímulo dos laços de uma amizade grande em prol de uma obra cada vez maior.

Saudar-vos e apresentar-vos o Orfeão foi pois a finalidade das nossas simples palavras; que elas calem bem fundo nos vossos corações são os nossos votos, os votos daqueles que vos acolheram e muito de vós esperam.

Sêde benvindos pois!

MANUEL FERNANDES MOREIRA

FAÇA DA

PAPELARIA SOUSA RIBEIRO

A SUA PAPELARIA

Rua Sá da Bandeira, 229 - 233
(junto ao Palácio Atlântico)

Tel. 20657 e 23757

DUAS CASAS que tudo o que fabricam e vendem é bom

PRIMAR

Confeitaria — Salão de Chã

FILIAL: Rua Mártires da Liberdade, 139-145

Telef. P. P. C. 25858 - 28458 PORTO

O TEATRO UNIVERSITÁRIO DO PORTO

NA ALEMANHA

— por Miguel de Macedo Teixeira

(*Continuação da pág. 3*)

lher... A infidelidade com o amigo. A intensidade trágica arrepiava.

Para o espectáculo dos jugoslavos só se pode arranjar uma palavra: Génio! Génio na originalidade! Génio na movimentação! Génio na fantasia! A sua recordação deixa-nos ficar vagamente a tristeza que se sucede ao desfazer de um sonho maravilhoso.

Não podemos ainda deixar de nos referir à «Catarina II» dos suecos, apresentada em geito de opereta, que mereceu uma das mais calorosas ovações daquele público exigente. A actuação dos turcos, encerrando o Festival, foi também magnífica.

Quanto ao espectáculo do Teatro Universitário do Porto, temos de afirmar que constituiu algo de especial, de diferente. O comportamento dos portugueses tinha já impressionado. Diferentes no vestir, diferentes a manifestar a sua alegria, diferentes naquela sã camaradagem, tinham por força de apresentar um teatro diferente!

Participavam pela primeira vez num daqueles festivais! Nas suas fileiras só existiam amadores, enquanto que a maioria dos outros grupos se faziam acompanhar de actores profissionais! Havia no entanto uma esperança, uma espectativa feita de curiosidade e admiração.

E o dia dos portugueses chegou! O Markgrafentheater estava cheio. Abriu o pano. O «Fidalgo Aprendiz» agradou pela sua vivacidade, mas o que mais impressionou foram as mudanças de cenário, em plena cena, deixando o espectador surpreendido e maravilhado.

Depois, principescamente, o Teatro Universitário do Porto ofereceu àquele público de estudantes, tudo aquilo que eles vagamente procuravam na nossa representação: a beleza diferente, a poesia diferente, a técnica diferente! De facto, no «Auto da Mofina Mendes» tudo foi grandioso — o cenário, a música, as luzes, a encenação, tudo! Aquela linguagem estranha prendia com a sua beleza suave e musical. A simplicidade e o encanto respirado na pureza do sentimento religioso da obra de Gil Vicente fascinou a assistência, pouco habituada ao misticismo católico.

No final a ovação foi estrondosa. O pano abriu por 8 vezes. Invadiarm-se os camarins. «Very Good!». «Merveuilleuse!»

No dia seguinte a crítica considerou o espectáculo como um dos mais sérios e perfeitos.

Estávamos satisfeitos!

DIVULGAÇÃO

LIVROS NACIONAIS
E ESTRANGEIROS

LIVRARIA
DISCOTECA
GALERIA DE ARTE

Rua de Ceuta, 88 - PORTO - Telefone, 32513

O Estranho

(*Continuação da pág. 8*)

À imagem dos machados ao ombro, as pancadas soavam no meu cérebro ainda antes antes de serem desferidas e era dentro de mim que as ramagens tremiam, arrastando-me na sua queda para o vácuo que me comprimia o peito.

Amigos que tombavam! decidi-me a ir a vê-los tombar. A passos de funeral, procurando encontrar a coragem que me faltava, alcancei-os: um quadro de cruzes brancas, traçadas a giz sobre as cascas, limitava a área dos condenados... A do galho a pouca altura... a que se inclinava para a terra desde que o vento quase a arrancara... a mais velha, a mais frondosa, fora contudo poupada!

Era uma compensação. Ficar-me-ia ela, memória de quantas caíssem: era a principal.

Mas em mim, para além do culto da árvore, havia... E quando os braços de meu pai pegando o machado o ergueram paro o primeiro golpe, uma força incontrolável atirando-me para a frente, fez-me chegar junto a ele no momento exacto de o suster.

O silencio denso voltou. Os olhos negros e brilhantes fixaram-se nos meus, que eu sentia cada vez mais ameaçados de se turvarem, e os braços cairam-lhe ao longo do corpo.

Sinal de impotência? O ESTRANHO olhava-nos e esperava.

Como da primeira vez que de mim se aproximou, eu que o via avançar de machado na mão, e sabia que *alguma* coisa tinha de acontecer, sentia-me igualmente petrificado e incapaz de reagir.

— Toma-o! Dá tu a primeira machada.

Abria-me o mundo deles, homens: o mundo dos apertos de mão vigorosos e firmes à primeira vista. Aceitá-lo ou negá-lo fugindo! Eles esperavam.

Sem que eu próprio soubesse donde me vinha a força, o machado ergueu-se nos meus braços e caiu sobre o tronco, ferindo-o numa lasca branca e húmida.

LIVRARIA

TAVARES
MARTINS

RUA DOS CLÉRIGOS, 14

PORTO

LIVROS NACIONAIS

E ESTRANGEIROS

ARMAZÉNS DO CASTELO

VALE & FILHO

RUA DAS CARMELITAS, 166 (Junto à Universidade)

Telefone 23874 — PORTO

Papeis pintados — Damascos — Veludos — Gobelins — Cassas — Linhos — Cretonos — Tapetes — Etamines — Edredons — Lãs — Sedas — Algodões

FÍFIA LETRAS

Na escola, na ridente escola da tabuada e dos ditados, «ter boa letra» era requesito a que lamentávelmente, a professora parecia dar enorme importância.

Quem se debruçar sobre o ombro do Vaz, quando ele, às voltas com o «Razão», procura trocar por miudos as entradas e saídas da «massa» na tesouraria, vê-lo-á, mordendo o lábio inferior, escrevinhar lindas coisas na sua complicada «letra francesa».

«Ter muita letra» em bom calão tripeiro é possuir aquela qualidade de certos colegas que, em Assembleia Geral, falam muito e dizem pouco.

«Assinar uma letra» é a coisa mais fácil deste mundo quando se assina mas que se torna extraordinàriamente complicada quando a dita se vence.

Porém a «Universidade do Porto voltar a ter Faculdade de Letras» era para toda a gente como que um símbolo de impossibilidade, um sonho lindo que ao acordarmos se desfazia desesperadoramente.

Agora, porém, já nos beliscamos várias vezes e, não há dúvidas: estamos acordados!

— Ah! V. Ex.ª é formado em letras...

MATRÍCULAS, PROPINAS & C.ª L.DA

(desenho de Calafate)

INTELIGENTES

Chovia copiosamente quando conseguimos «caçar» aquele eléctrico desgarrado.

Sacudimos a gabardina, batemos os pés no chão para reactivar a circulação e lá nos sentamos num lugar vago.

Foi então que na plataforma de trás uma voz avinhada se fez ouvir justificando a inclemência do tempo:

— «É! É bem feito! Atiraram um satélite para a Lua, fizeram-lhe um buraco e agora a chuva passa toda cá para baixo! É os inteligentes!...»

O raciocínio e sobretudo a última frase encantaram-nos...

Agora quando nos falam de certos Mestres que para o serem nunca precisaram de saber ensinar, apetece-nos também dizer:

— É os inteligentes!...»

●

PROTESTANDO...

Capa traçada, colérico, assumadiço, gesticulando afogueado ele vociferava contra a criação da «Faculdade de Letras».

Aproximamo-nos, atónitos, daquele «Velho do Restelo», autêntico abencerragem da nossa Universidade. À volta comprimiam-se colegas acalmando-o e aduzindo razões.

Que sem Faculdade de Letras à Universidade falta o seu principal edifício cultural; que qualquer aglomerado humano necessita de cultura literária. Falava-se já, não sei a que propósito, de humanismo, de Freud, de Santo Agostinho...

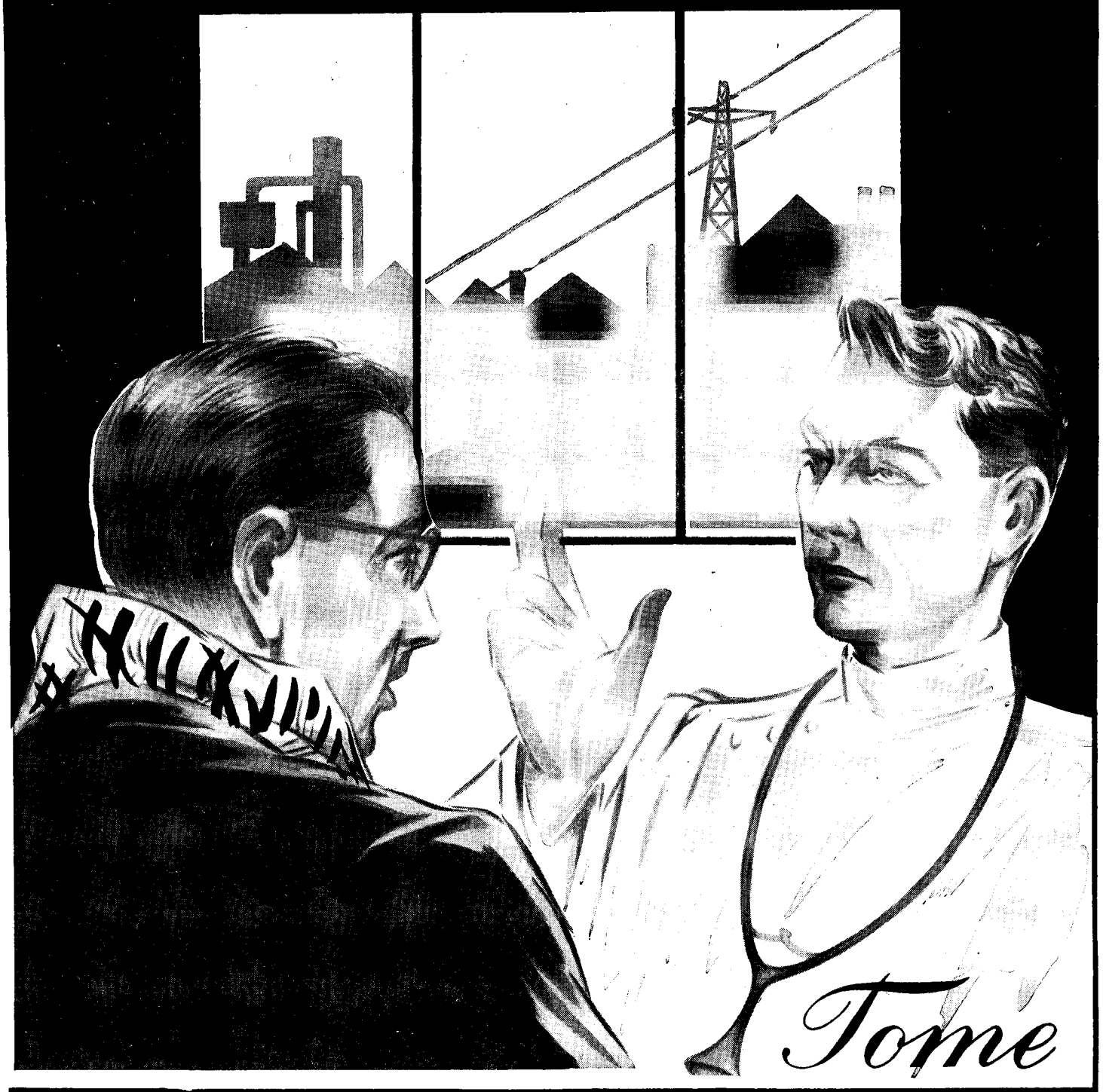
Ele, porém, irredutível, iracundo, elevava o seu punho possante acima das cabeças e dominando com a sua voz poderosa o coro que o cercava, explicou:

— Sempre quero ver, depois, com mais os de «letras» quanto tempo vamos esperar na bicha das matrículas

Lentamente o grupo dispersou, pensativo.

PÁGINA DE NERY

Com TOSSE, como há-de ter boa disposição para o trabalho?



BENZO-DIACOL

ORFEÃO

ÓRGÃO DO
ORFEÃO UNIVERSITÁRIO DO PORTO
SEDE: Faculdade de Ciências

Caro Colega

Por sabermos que foi, nos seus tempos de estudante, entusiástico componente do Orfeão, sentimo-nos obrigados a participar-lhe a existência do Jornal «ORFEÃO», do qual juntamos um exemplar.

Custando a sua assinatura por dez números a quantia de dez escudos, muito agradecíamos que tal importância nos fosse enviada do modo que mais lhe conviesse (em dinheiro, vale de correio, selos, etc.), para assim o podermos contar entre o número dos nossos assinantes.

Solicitamos também a Vossa valiosa colaboração, pois este Jornal é da nossa Universidade e, portanto, de todos que por ela passaram.

Sem mais, apresentamos em nome do Orfeão Universitário do Porto e do Jornal «ORFEÃO» as nossas melhores

Saudações Académicas

ORFEÃO UNIVERSITÁRIO DO PORTO

SEDE: Faculdade de Ciências

Telefone, 31029

Nome .....

Morador em .....

Profissão ..... tendo frequentado a Faculdade de .....
da Universidade do Porto e pertencido ao O. U. P. de 19..... a 19....., desejando inscrever-se como Sócio Contribuinte da Classe Auxiliar nos termos do § 2.º do Art.º 11.º dos Estatutos,

Pede deferimento

O proponente

DIRECÇÃO

.....

Sócio n.º.....

.....

Aprovado em Reunião de Direcção de .....de.....de 19.....

Pela Direcção

N.º.....

.....